

## **A GUERRA COMO ESTRATÉGIA ECONÔMICA: UMA ANÁLISE DAS RECENTES AÇÕES NORTE-AMERICANAS.**

**ADERBAL DE OLIVEIRA NETO,**  
Mestrando em História pela UNESP/Franca,  
GEDES – Grupo de Estudos de Defesa e Segurança.

A ascensão dos Estados Unidos à hegemonia global foi um longo processo que começou no último quartel do século XIX, por ocasião da recessão mundial de 1873. Recém saídos da Guerra de Secessão, os norte-americanos iniciaram um processo de reconstrução econômica, que lhes garantiu uma grande fatia do mercado global. Nesse momento, o único rival dos Estados Unidos era a Alemanha de Bismark. Segundo o professor da Universidade de Yale, Immanuel WALLERSTEIN<sup>1</sup>: “Naquela época, os Estados Unidos e a Alemanha começaram a adquirir uma parcela crescente dos mercados globais, principalmente à custa da contínua recessão da economia britânica. Ambos os países tinham recentemente conquistado uma base política estável: os Estados Unidos ao encerrar com sucesso a Guerra Civil e a Alemanha alcançando a unificação e derrotando a França na Guerra Franco-Prussiana”.

Entre 1873 a 1914, os Estados Unidos e a Alemanha tornaram-se as maiores produtoras em setores-chaves da economia, como aço e, mais tarde, automóveis, nos Estados Unidos e química industrial na Alemanha. A busca por novos mercados engendrou os elementos necessários para a eclosão da Primeira Guerra Mundial. Espectadores, num primeiro momento, e depois partícipe e árbitro, os Estados Unidos saíram da guerra fortalecidos economicamente. Mas a economia mundial passava por grande crise. O derrocada da Bolsa de Nova Iorque (Dow Jones), a superprodução, a exigência de novos mercados, a estagnação, a ascensão do nazismo na Alemanha, entre outros fatores, criaram o ambiente propício para desencadeamento da Segunda Guerra Mundial.

A Alemanha deixa o conflito destruída, ao passo que os Estados Unidos saem ainda mais fortalecidos, posto que passaram a ser o único fornecedor para a Europa em fase de reconstrução. A hegemonia americana estava consolidada no ocidente. Durante a Idade do Ouro<sup>2</sup>, a dominação dos Estados Unidos no ocidente era completa. Em nível mundial, este país disputava hegemonia com a União Soviética, caracterizando o que se convencionou chamar de Guerra Fria. Para Eric HOBBSBAWM, “...a peculiaridade da Guerra Fria era a de que, em termos objetivos, não existia perigo iminente de guerra mundial. Mais que isso: apesar da retórica apocalíptica de ambos os lados, mas sobretudo do lado americano, os governos das duas superpotências aceitaram a distribuição global de forças no fim da Segunda Guerra Mundial, que equivalia a um equilíbrio de poder desigual mas não contestado em sua essência. A URSS controlava uma parte do globo, ou sobre ela exercia predominante influência – a zona ocupada pelo Exército Vermelho e/ou Forças Armadas comunistas no término da guerra – e não tentava ampliá-lo com o uso da força militar. Os Estados Unidos exerciam controle e predominância sobre o resto do mundo capitalista, além do hemisfério norte e oceanos, assumindo o que restava da velha hegemonia imperial das antigas potências coloniais. Em troca, não intervinha na zona aceita de hegemonia soviética”<sup>3</sup>.

Os anos de prosperidade que o capitalismo do pós-guerra conheceu foi um fenômeno mundial, nunca antes ocorrido. A economia mundial cresceu a uma taxa explosiva: entre as décadas de 1950 e início da década de 1970, a produção mundial de manufaturados quadruplicou e o comércio internacional de manufaturas aumentou 10 vezes; a produção agrícola cresceu mais rápido que a população; as indústrias de pesca triplicaram sua produção. O mundo industrial expandiu-se, fazendo com que muitos países predominantemente agrícolas ganhassem expressivos parques industriais<sup>4</sup>.

Esse período de prosperidade baseou-se numa avançada pesquisa científica, com aplicação prática. O desenvolvimento e a pesquisa de novas tecnologias tornaram-se indispensáveis para o crescimento econômico, e, com isso, reforçou-se as já grandes vantagens dos Estados Unidos, cuja capacidade de investimento em ciência e tecnologia era maior. Nesse contexto, o capitalismo retomou seu caráter internacionalizante.

Durante os trinta anos de prosperidade econômica pós-1945, a economia capitalista continuou a ser mais internacional que transnacional. A partir da década de 70, contudo, a transnacionalização começou a ser cada vez mais uma característica da economia<sup>5</sup>. Isto significa que se iniciou um processo de desenvolvimento de um sistema de atividades econômicas para os quais os territórios e fronteiras dos Estados nacionais não constituíam o esquema operatório básico, mas apenas fatores complicadores.

De ver que a internacionalização da economia não é um fato novo. A história do capitalismo mundial desde a Revolução Industrial tem sido de acelerado progresso técnico, de contínuo porém irregular crescimento econômico, e de crescente internacionalização, ou seja, de uma divisão mundial cada vez mais elaborada e complexa do trabalho. Em suma, uma rede cada vez maior de fluxos e intercâmbios que ligam todas as partes da economia mundial ao sistema global. Isso demonstra que a internacionalização já progride, no mínimo, há meio século. O que se verifica nos anos 1970, entretanto, e que se convencionou chamar de *globalização*, não pode ser considerada como mera continuação da internacionalização da economia, posto que possui elementos novos que a individualizam. São eles reestruturação produtiva, a financeirização global, e o controle do economia mundial por grandes corporações transnacionais.

Em verdade, a chamada globalização da economia representa uma estratégia ideológica que tem como objetivo superar da crise econômica experimentada pelo capitalismo norte americano. É um processo comando pelas grandes empresas, as quais controlam governos e determinam políticas públicas visando aos seus interesses.

Controlando os grandes meios de comunicação de massa, as corporações transnacionais valem-se dos governos, particularmente do governo dos Estados Unidos, para obter o consenso de que a globalização é um ‘fenômeno’ inevitável, não restando aos Estados Nacionais, mormente os que se encontram na periferia dos planeta, outra alternativa, senão aceitá-la. Justificada ideologicamente pelo neoliberalismo, a globalização econômica força os governos nacionais a operarem conforme os interesses das grandes empresas que atuam no cenário internacionais. A força dessas corporações decorre o volume de recursos por elas movimentado. Segundo Leandro Konder<sup>6</sup>, o faturamento das 10 maiores corporações transnacionais do planeta, ultrapassa a cifra de 1,4 trilhões de dólares, o que equiivale aos PIBs de Brasil, México, Argentina, Venezuela, Colômbia e Chile. Como se disse, a globalização da economia nada mais representa que uma estratégia das grandes empresas transnacionais para que possam sair da crise causada pelos dois choques do petróleo ocorridos em 1973 e 1973, os quais, para José Eduardo FARIA, tiveram o condão de deflagrar uma “crise estrutural” de todo o sistema capitalista consolidado no pós-guerra<sup>8</sup>.

Todo esse processo foi levado a cabo sob os auspícios do governo dos Estados Unidos. Aproveitado-se de sua posição na Guerra Fria e detendo a hegemonia do ocidente, já que representavam a maior potência política, econômica e sobretudo militar, os Estados Unidos operaram no sentido da fabricação do consenso em torno da globalização neoliberal.

Com efeito, durante o período compreendido entre os anos 1980 e 2000, o capitalismo americano conseguiu manter-se intacto em decorrência da aceitação pelos demais países do globo da malsinada ‘globalização’. Nessas duas décadas, a classe trabalhadora foi esmagada pelas forças do capital. Essa vitória do capital se deu por vários motivos, que, para João Pedro STÉDILE<sup>9</sup>, são os seguintes: “...primero, porque el capital impulsó una revolución tecnológica, en la química, en la informática, en la biotecnología, y esa revolución tecnológica aumentó la productividad del trabajo y redució la clase obrera, permitiendo que las empresas transnacionales aumentaran sus beneficios con esa paralela reducción de la clase obrera. Entonces esa clase obrera industrial fue relegada a un segundo plano. Eso es un cambio vital en el mundo del trabajo. Segundo, la quiebra de los países socialistas, por mas criticas que cada uno pueda hacer a aquellos procesos históricos, represento la caída de una barrera contra el capital y mas libertad para su libre desarrollo. Tercero, con el descenso del movimiento obrero, prolifero en los medios de comunicación y en la sociedad en general la

ideología capitalista; de que todo funciona entorno al beneficio y del consumismo. Y eso trajo un desanimo desde el punto de vista ideológico, pues los trabajadores percibieron que estaban siendo derrotados. Y que solo podía ser feliz en este mundo, no aquel que viva de su trabajo, como reza la ideología socialista, sino solo aquel que, según la ideología capitalista, vaya al Shopping Center, que pueda consumir... y fruto de esa predominancia ideológica, los capitalistas cooptaron mucha gente muy valida y bienintencionada: cooptaron las iglesias, las universidades, los sindicatos, los partidos políticos y la sociedad en general”.

A posição hegemônica dos Estados Unidos reforçou-se ainda mais com a queda do mudo de Berlim, em 1989, e a posterior derrocado do ‘socialismo soviético’. Com o fim da Guerra Fria, a dominação americana passou a atingir todo o planeta. Após a queda da ameaça vermelha, os Estados Unidos se auto-proclamaram a ‘polícia do planeta’.

A vitória do capital globalizado e a conseqüente derrota da esquerda, todavia, não elidiu a crise do capitalismo. Em verdade, nos últimos anos as contradições naturais do domínio capitalista começaram a se apresentar de forma mais visível. Primeiro, os países periféricos do capitalismo começam a entrar violentamente em crise: Rússia, Filipinas, Coréia, Indonésia, México, Argentina e também no Brasil. Depois, a grande locomotiva do capitalismo que é a economia de Estados Unidos, está vivendo um momento de recessão crônica. Reportagem especial do jornal *Folha de São Paulo*, de 21.07.2002, demonstra isso de forma clara.

Por outro lado, essas mesmas contradições começaram a gerar, do ponto de vista social, o ressurgimento de mobilizações em todas as partes do globo questionando a globalização neoliberal e o domínio da hegemonia norte americana. Os chamados movimentos ‘anti-globalização’ alcançam a opinião pública em Seattle, em 1999, multiplicaram-se nos anos seguinte e desencadearam no Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, em 2001. Esses acontecimentos reforçam a aprofundam a crise da hegemonia capitalista americana.

Em suma, ainda que tenha sido vitorioso em sua estratégia de forçar a aceitação, pelos países periféricos, da globalização neoliberal, o governo dos Estados Unidos não conseguiu evitar que sua economia entrasse em crise, o que certamente abalará todas as estruturas do capitalismo mundial. Daí porque tem se valido de outro plano para superação de mais essa ameaça de derrocada da hegemonia do capital.

A primeira medida nesse sentido tomada pelos grandes atores econômicos do capitalismo global foi a substituição do governo dos Estados Unidos. Sem embargo, a administração do Partido Democrata, conquanto tivesse sintonia ideológica com os capitalistas americanos, não submetia todo o governo aos seus interesses. Por esse motivo, seria necessária a eleição de alguém que fosse uma espécie de preposto dos interesses privados, capaz de operar toda a geopolítica do planeta para salvar o capitalismo da degola. O escolhido foi George W. Bush, empresário ligado à indústria de petróleo. Numa eleição fraudada, Bush derrotou o adversário Al Gore tornou-se presidente dos Estados Unidos exatamente no momento em que o modelo definhava. Sua missão é salvar o sistema capitalista e garantir a hegemonia americana. Para isso, Bush montou o governo altamente conservador, repetindo a façanha de Ronald Reagan, no início dos anos 1980.

A segunda medida foi gestada cronologicamente antes da primeira. Trata-se da definição de um plano global de salvação do sistema capitalista que possui três grandes vertentes: uma militar, outra tecnológica e a terceira econômica.

A estratégia militar consiste em desenvolver a indústria bélica. No plano tecnológico, pretende-se preparar as empresas norte-americanas para a biotecnologia. A estratégia econômica consiste em anexar o mercado consumidor latino-americano através da Área de Livre Comércio das Américas – ALCA.

Sem embargo, a história capitalismo é composta de curvas de ascenso e descenso, onde estas representam momentos de crise. Diante de uma situação de descenso, governos intervêm na economia, empresas são estatizadas ou privatizadas, financiamentos são concedidos, direitos são flexibilizados, enfim, um conjunto grande de políticas são operadas no sentido reverter a recessão. Caso essas medidas sejam ineficazes, parte-se para métodos menos ortodoxos,

entres os quais, a guerra. Mas como é que a guerra pode funcionar como estratégia econômica? Por que o capitalismo precisa da indústria bélica e da guerra para sair de suas crises? A resposta para essas questões não pode ser outra senão porque a guerra destrói trabalho humano acumulado, na medida em que destrói mercadorias. Sobre essa questão, leciona João Pedro STÉDILE<sup>10</sup>: “Cuando los Serbios de la guerra de Yugoslavia derribaron algunos de aquellos aviones invisibles que cuestan USD1000 millones la unidad, los Serbios salieron por Belgrado celebrándolo. Y la industria norteamericana de armas también. ¿Por que? Porque el gobierno norteamericano encargaría otro avión, de USD1 billón. Entonces la guerra tiene ese papel perverso de destrucción de trabajo acumulado. Tu haces un avión que cuesta USD1 billón, y eso significa trabajo muerto acumulado. El es destruido en un ataque, y se abre el espacio para la producción de outro”.

No final do século XIX e início do século XX, como se disse, a economia mundial entrou em período de recessão, o qual somente foi superado após a Segunda Guerra Mundial. Com efeito, a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais podem ser vistas em unidade, vez que representam desdobramentos do mesmo plano: a reversão da curva de descenso da economia capitalista mundial. Durante os anos de conflito bélico, muito trabalho humano acumulado foi destruído, possibilitando a reativação da indústria.

Ademais, a guerra cria uma atmosfera favorável à administração, pois permite reduzir os impostos dos grandes capitalistas, em nome da alavancagem da produção, e, para suprir as próprias despesas de guerra, exerce pressão considerável sobre os orçamentos das massas trabalhadoras, via tributação. O ‘keynesianismo militar’, assim, estimula amplos setores da economia.

A guerra cria, ainda, a possibilidade um grupo destruir outro grupo em ascensão. Daí porque, diante de uma economia emergente ou em vias de disputa de hegemonia, uma guerra pode garantir que o grupo no poder não seja substituído. Os Estados Unidos são os campeões em utilizar a guerra como estratégia econômica. Além de operar para a deflagração dos conflitos mundiais em 1914-18 e 1939-45, os Estados Unidos participaram de vários outros episódios bélicos nos quais os interesses ocultos eram meramente econômicos.

**A Guerra do Golfo.** A Guerra do Golfo, última grande campanha militar dos Estados Unidos. Aconteceu há pouco mais de dez anos. A origem do conflito foi a invasão do Kuwait por parte do Iraque, em 2 de agosto de 1990. O líder iraquiano, Saddam Hussein, justificou o ataque acusando o Kuwait de superar a cota de venda de petróleo estabelecida pela OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) e, com isso, provocar a baixa do preço do produto em todo o mundo.

Hussein também exigia que o Kuwait, um emirado com cerca de 2 milhões de habitantes, perdoasse uma dívida superior a US\$ 10 bilhões contraída durante a Guerra Irã-Iraque. O líder iraquiano cobrava ainda uma indenização de mais de US\$ 2 bilhões em razão da retirada de petróleo de seu território no decorrer do mesmo conflito. Acuada, o emir do Kuwait, Jabir Saad al-Sabah, se refugiou na Arábia Saudita.

Quatro dias depois da invasão, a Organização das Nações Unidas (ONU) determinou boicote econômico ao Iraque. Saddam Hussein ignorou a medida e, em 28 de agosto, anunciou que o Kuwait passaria a ser a 19ª província iraquiana. Em 29 de novembro, por pressão dos Estados Unidos, a ONU anunciou um ultimato ao Iraque: se o país não se retirasse do Kuwait até 15 de janeiro de 1991, as nações aliadas teriam autorização para atacar.

No dia seguinte ao término do prazo determinado pela ONU, George Bush, pai do atual presidente americano, comandou os Estados Unidos e uma coalizão de países num pesado bombardeio aéreo a Bagdá, a capital iraquiana. Quarenta dias de conflitos depois, as tropas do Iraque foram derrotadas e Saddam Hussein ordenou a retirada de seu efetivo militar do Kuwait. Até hoje, os Estados Unidos mantêm cerca de cinco mil homens de seu exército no Kuwait. Durante o confronto, segundo os dados oficiais, morreram cerca de 105 mil iraquianos (6 mil civis), 30 mil kuwaitianos e aproximadamente 300 homens da coalizão anti-Iraque (148 americanos).

Para a opinião pública, a Guerra do Golfo ocorreu em razão da invasão iraquiana ao Kuwait. Os Estados Unidos consideraram a invasão injustificável e inaceitável. Ao expulsar as tropas iraquianas do Kuwait, o governo americano proclamava que estava defendendo a liberdade e justiça no mundo. Mas os mais céticos acreditavam que os motivos da guerra eram puramente econômicos.

O Kuwait é um país rico em petróleo. Com a invasão ao Kuwait, Saddam Hussein passaria a controlar uma porção significativa das reservas petrolíferas mundiais e, portanto, poderia manipular o preço deste no mercado internacional. Ainda mais preocupante, os norte-americanos acreditavam que a Arábia Saudita, um dos mais importantes produtores de petróleo no mundo, seria o próximo alvo de Saddam Hussein.

**A Guerra contra o Terror e a superação da crise econômica.** Os atentados de Onze de Setembro criaram as condições necessárias para o que o Estados Unidos pusessem em prática mais um tópico de sua estratégia de superação da crise do capitalismo, qual seja, radicalização dos investimentos públicos em indústria bélica.

Como se disse, George W. Bush foi conduzido à Casa Branca pelos braços dos executivos das grandes corporações transnacionais, mediante uma fraude eleitoral grosseira. Sua missão é recuperar o sistema capitalista. Assim, decretar guerra ao terrorismo é viabilizar uma de suas metas de seu governo. A guerra não tem destinatário certo. Todo e qualquer terrorista ou suposto terrorista está na mira do governo americano. Com um discurso de vingança aos milhares de mortos no atentando, o governo Bush perpetra outro terrorismo muito mais grave, o terrorismo de Estado, posto que invade países, lança bombas em territórios civis, submete populações inteiras à humilhação.

Importante notar que o terrorismo do governo Bush já foi manifestado em outras ocasiões. Em março de 2001, com pouco mais de um mês na presidência, atendendo às reivindicações do grande capital, Bush recusou-se a assinar o Protocolo de Kyoto, instrumento para implementar a Convenção das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas. Seu objetivo é que os países industrializados reduzam (e controlem) até 2008-2012 as emissões de gases que causam o efeito estufa em aproximadamente 5% abaixo dos níveis registrados em 1990. Ao recusar firmar o protocolo sem justificativa plausível, Bush declara, simbolicamente, guerra ao planeta, na medida em que, implicitamente, afirma que o interesse do grande capital está acima dos interesses difusos e coletivos de toda a população do globo. Ao invocar a força como justificativa para a recusa, Bush perpetra um violento ato de terrorismo.

O Onze de Setembro vem a calhar ao planos de George W. Bush, sobretudo porque lhe garante legitimidade para atuar em defesa do grande capital. Tanto Bush quanto seu vice, Richard Cheney, são representantes diretos das empresas petrolíferas do Texas<sup>11</sup>. Não por acaso, Cheney anunciou a disposição de abrir à exploração do petróleo as últimas regiões de preservação ambiental situadas no Alasca, com efeitos devastadores para o equilíbrio ecológico e ampliação do "efeito estufa". Para José ARBEX JR<sup>12</sup>, a submissão de Bush "...aos interesses dos petroleiros do Texas determinou a sua ruptura com o Protocolo de Kyoto, aprofundando ainda mais o isolamento dos Estados Unidos na comunidade das nações. Ora, a luta pelo controle do petróleo mundial confere o norte da estratégia dos Estados Unidos para o golfo Pérsico e para a Ásia Central. E existe um país cuja localização geográfica é absolutamente estratégica, justamente por ser a região de passagem entre o Oriente Médio e a Ásia Central. Esse país se chama Afeganistão. O cerco dos Estados Unidos ao Taleban só aparentemente tem algo a ver com o 'combate ao terrorismo'. Trata-se, na verdade, de criar as condições geopolíticas para o controle das mais vastas reservas de petróleo do planeta, situadas em uma região que, historicamente, foi 'área de influência' da Rússia czarista e depois da União Soviética".

Com efeito, os cinco países da bacia do Cáspio – Azerbaijão, Cazaquistão, Ira, Rússia e Turcomenistão – possuem reservas estimadas em 200 bilhões de barris de petróleo e um volume comparável de gás. Apenas Azerbaijão, Cazaquistão e Turcomenistão contêm mais petróleo e gás do que o Golfo Pérsico. As cinco maiores empresas petrolíferas dos Estados Unidos (Chevron, Conoco, Texaco, Mobil Oil e Unocal) concluíram ou estão concluindo uma

série de acordos bilionários com esses países (exceto o Irã) para explorar suas reservas. Por esses motivos, conclui José ARBEX JR<sup>13</sup>: “Fica fácil entender por que, em 1992, o senador norte-americano Robert Dole declarou que as ‘preocupações’ dos Estados Unidos quanto às reservas de petróleo e gás mundial haviam se ampliado da região do Golfo ‘rumo ao norte, incluindo o Cáucaso, o Cazaquistão e a Sibéria’. E, cinco anos depois, o senador Sam Brownback fez aprovar uma nova resolução, conhecida como Estratégia da Rota da Seda, segundo a qual os Estados Unidos deveriam ‘ampliar a sua presença’ na bacia do Cáspio, à medida que são construídos novos oleodutos entre o Oriente e o Ocidente através daquela região”.

A Rota da Seda foi o caminho seguido por Marco Pólo para o Extremo Oriente, e abarca boa parte do Afeganistão. É também o petróleo, aliás, que explica os interesses em jogo na guerra da Rússia contra a Chechenia. Por ali passam fontes e linhas de abastecimento de petróleo e gás iranianos e da bacia do mar Cáspio. O atentado deu a Bush todos os pretextos para uma intervenção em grande escala naquela região, certamente impensável até Onze de Setembro.

A Guerra contra o Terror, dessarte, revela-se como uma mera estratégia econômica do governo americano para controlar as reservas de petróleo do planeta, evitando um novo choque e um aprofundamento da crise. Ao mesmo tempo que se previne de um corte de energia, Bush desvia grandes valores do orçamento dos Estados Unidos para injetar na indústria bélica. Segundo João Pedro STÉDILE<sup>14</sup>, “...durante el año pasado, USD400 billones de providencia social para entregárselo a la industria bélica en forma de subsidio, para que las empresas que construyen tractores hicieran tanques. Como resultado de esa estrategia, la política norteamericana tiene que ir dirigida a fomentar guerras regionales.”.

1. Immanuel WALLERSTEIN, 2002, p. B6

2. A expressão é utilizada por Eric HOBBSBAM para designar os anos pós Segunda Guerra Mundial (1995, p. 221 e seguintes).

3. Op. cit, p. 224

4. Idem, p. 256-257

5. Idem, p. 273

6. Em palestra proferida dia 22.10.1998, na *XII Semana de História*, na Unesp – Franca.

7. José Eduardo FARIA, 1996, p. 07.

8. Op. cit, p. 03

9. Op. cit., p. 08

10. Op. cit, p. 10

11. Op. cit, p. 10

12. Op. cit, p. 10

13. Op. cit, p. 08

14. Renato POMPEU, 2001, p. 19.